



Eleições Municipais 2024

Na reta final, as apostas de Nunes e Boulos

Candidatos à Prefeitura de São Paulo tomam caminhos diferentes em busca de votos, mas têm em comum a confiança na polarização

» JÚLIA PORTELA
» MARIA BEATRIZ GIUSTI*

Após um primeiro turno apertado nas eleições para a Prefeitura de São Paulo, o atual ocupante do cargo, Ricardo Nunes (MDB), e o deputado federal Guilherme Boulos (PSol) — que obtiveram 29,48% dos votos válidos e 29,07%, respectivamente — lançam mão de estratégias opostas para esta fase final da campanha.

Líder nas pesquisas de intenção de voto para o segundo turno, Nunes será seletivo na escolha dos debates. Disse que participará apenas de três, evitando, assim, o embate mais frequente com Boulos.

Nas redes sociais, o foco de Nunes tem sido agradecer os votos conquistados no primeiro turno e destacar as realizações como prefeito de São Paulo. Há apenas uma publicação atacando Boulos nesta fase da campanha: “Olha aí o Boulos de verdade! O sujeito continua tendo orgulho dos anos de invasões e badernas que promoveu por aí... Definitivamente, alguém assim não pode comandar a nossa cidade”, disse numa publicação.

A campanha dele acredita, também, num apoio mais aberto do ex-presidente Jair Bolsonaro. No primeiro turno, o respaldo do ex-chefe do Executivo foi bastante discreto. Mas, na quinta-feira, Bolsonaro se comprometeu a participar de eventos com Nunes em São Paulo nos próximos dias.

Por sua vez, o prefeito afirmou que aceitaria um possível indicado do ex-presidente para integrar suas gestões. “Vamos supor que ele (Bolsonaro) indique o Paulo Guedes para a Fazenda, é um nome bom. Não fiz acordo de cargo com ninguém, com nenhum dos partidos”, frisou, durante sabatina da TV Record, também na quinta-feira. “Se ele indicar o Paulo Guedes para a Fazenda, eu aceito.”

Por sua vez, Boulos confia no apoio do presidente Luiz Inácio Lula da Silva para atrair o eleitorado. O petista teve presença discreta no primeiro turno — o que ele mesmo admitiu (**leia reportagem abaixo**) —, mas a expectativa da campanha do deputado é de que o chefe do Executivo se envolva mais nesta etapa final do pleito.

Boulos também aposta nos

As estratégias

Nilton Fukuda / AFP



Ricardo Nunes

» **Bolsonaro** — O candidato deve ter o apoio mais aberto do ex-presidente Jair Bolsonaro. Segundo aliados do ex-chefe do Executivo, o clima entre os dois agora é de maior alinhamento. Na quinta-feira, Bolsonaro acertou a participação em agendas ao lado do prefeito nas próximas semanas.

» **Debates** — Nunes anunciou que só pretende participar de três debates neste segundo turno, evitando ao máximo o embate com Boulos.

» **Redes sociais** — A tática dele tem sido de agradecimento pelos votos recebidos e as menções às realizações do seu mandato.

» **Rejeição** — O emedebista leva vantagem em relação a Boulos em termos de rejeição. Os que disseram que não votariam nele de jeito nenhum foram 37%, segundo o Datafolha. Pelo levantamento, Nunes tende a herdar 84% dos eleitores de Pablo Marçal.

ataques a Nunes nas redes sociais. Tem batido na tecla de que a maioria dos eleitores votou contra o atual prefeito. “No primeiro turno, 70% das pessoas votaram pela mudança. A maioria da cidade de São Paulo deu um recado na urna — mesmo aquelas pessoas que não votaram ainda em mim e na Marta (Suplicy, candidata a vice)”, ressaltou, em propaganda que foi ao ar ontem. “Sete em cada 10 paulistanos disseram que a gente precisa mudar.”

Nesse duelo pela Prefeitura, Boulos tem um desafio a mais: superar a forte rejeição, de 58%, segundo pesquisa Datafolha divulgada nesta semana. São eleitores que declararam que não votariam no candidato do PSol “de jeito nenhum”. Já Nunes tem 37% de rejeição.

A rejeição a Boulos é ainda maior entre os eleitores que votaram no coach Pablo Marçal no primeiro turno (de 92%). Já Nunes é rejeitado por 9% dos

simpatizantes do influenciador.

Na avaliação do consultor político Giuliano Salvareni, existem dois pontos principais que compõem a rejeição a Boulos: “O seu enquadramento como ‘invasor de imóveis’, ligado ao seu histórico de militância no movimento social junto aos sem-teto, e o seu suposto extremismo ideológico de esquerda”, destacou.

Para o cientista político Robson Carvalho, da Universidade de

Brasília (UnB), “Nunes espera captar o eleitor do Pablo Marçal e do Bolsonaro, mas o problema é o racha na direita e na extrema-direita e a crise entre as lideranças desses blocos políticos”. “Isso pode respingar na sua campanha”, frisou.

O analista político Gabriel Petter entende que o eleitorado dos candidatos já está consolidado, o que não oferece uma margem de grande crescimento, principalmente para Boulos.

“Considerando que é improvável que os votos de Pablo Marçal migrem para Guilherme Boulos e que nem todos os votos dados a Tábita Amaral deverão migrar para Boulos, a tendência é que Ricardo Nunes seja reeleito, a não ser que tenhamos um fato político que mude completamente esse cenário, o que não está no horizonte”, argumentou.

*Estagiária sob a supervisão de Cida Barbosa

Miguel Schincariol/AFP



Guilherme Boulos

» **Lula** — O candidato do PSol confia ter uma carta na manga: o apoio do presidente Lula. O chefe do Executivo teve presença tímida no primeiro turno, mas a expectativa da campanha de Boulos é de que o petista se envolva mais nesta etapa final do pleito.

» **Periferias** — Boulos tentará recuperar terreno nesses locais. Disse que mobilizou políticos e lideranças de esquerda para ganhar votos neles.

» **Redes sociais** — O deputado tem buscado votos atacando Nunes. Nas primeiras 72 horas após o 1º turno, ele fez 10 postagens contra o rival. Nelas, o tema repetido é de que “mais de 70% da cidade votou contra Ricardo Nunes”.

» **Rejeição** — Ele tem o desafio de superar a alta rejeição, de 58%, segundo o Datafolha. São eleitores que declararam que não votariam no candidato do PSol “de jeito nenhum”.

Ricardo Stuckert / PR



Lula em Fortaleza: ele admitiu participação “acanhada” nas eleições

Lula: “Temos de rediscutir o papel do PT”

» VICTOR CORREIA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou, ontem, ser preciso “rediscutir o papel do PT na disputa das eleições para as prefeituras”. Ele reconheceu que houve derrotas inesperadas da sigla no primeiro turno. Porém, celebrou o aumento no número de municípios comandados por petistas, mas minimizou o impacto das prefeituras em 2026.

Lula também justificou a participação “acanhada” na campanha de aliados. Disse que foi para evitar atritos com legendas que compõem a sua base de governo. Nas urnas, partidos de direita e centro-direita avançaram consideravelmente, enquanto a esquerda amargou desempenho

abaixo do projetado, especialmente nas capitais.

“Temos de rediscutir o papel do PT na disputa das eleições para as prefeituras. O PT, nessas eleições, 80% dos nossos prefeitos foram eleitos em cinco países (estados), todos eles do Nordeste. Tivemos uma boa participação no Rio Grande do Sul. Não tivemos uma boa participação em São Paulo, em Minas Gerais. Ganhamos nas duas cidades que a gente governa, Juiz de Fora e Contagem”, comentou, em entrevista à Rádio O Povo/CBN, de Fortaleza.

No primeiro turno, o PT aumentou de 183 para 248 prefeitos, com disputas no segundo turno em 13 cidades, incluindo Fortaleza, Porto Alegre, Cuiabá e

Natal. Em total de votos para as prefeituras, segundo a legenda, o número aumentou de 6,9 milhões em 2020 para 8,8 milhões, e o número de vereadores foi de 2.668 para 3.118.

Fortaleza é a principal aposta de Lula para o segundo turno. Por isso, foi a primeira cidade que visitou, ontem, e fez elogios ao candidato Evandro Leitão (PT), que disputa contra o bolsonarista André Fernandes (PL). A expectativa entre petistas é que ele participe mais do segundo turno, já que sua ausência na maioria das capitais frustrou aliados. Esteve na capital paulista, com o candidato Guilherme Boulos (PSol), e, mesmo assim, apenas em três eventos eleitorais.

O chefe do Executivo admitiu o baixo engajamento. “Tive uma participação mais acanhada porque sou presidente da República. Eu tenho uma base no Congresso Nacional muito ampla. Tenho vários partidos na minha base que estão disputando as eleições. Então eu falei: ‘Não vou comprar uma briga em uma cidade e, depois, quando chegar o Congresso, eu vou ter aliados virando adversários’”, explicou.

Ele lamentou derrotas inesperadas, como em Araraquara (SP) e em Teresina (PI). Mesmo assim, garantiu que o PT continua sendo “o maior partido do Brasil”. Sobre o cenário para 2026, o presidente negou que haja impacto do baixo avanço da esquerda em 2024.